

UM FLÂNEUR NA CIDADE VERDE: A VISÃO DE H. DOBAL SOBRE A CIDADE EM ROTEIRO SENTIMENTAL E PITORESCO DE TERESINA

Jeymeson de Paula Veloso (PG-UFPI)¹

RESUMO

O presente trabalho objetiva analisar a obra *Roteiro Sentimental e Pitoresco de Teresina* (1992) no tocante a atitude do autor da obra, H. Dobal, como um *flâneur* que observa a cidade que se moderniza, e se mistura na multidão para revelar seus aspectos mais pitorescos. Para tanto buscaremos estabelecer um diálogo com Walter Benjamin quando este analisa a obra de Charles Baudelaire, especificamente no estudo *Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo* (1989), em que ele trata da figura do *flâneur* na Paris de meados do século XIX, além de observar a fortuna crítica de H. Dobal. No campo da história buscaremos estabelecer de que forma ocorreu a modernização da cidade de Teresina no início do século XX e, principalmente, nos anos que antecederam o centenário da cidade. Para este último objetivo utilizaremos como fontes trabalhos realizados que retomam e retratam o início da modernidade e do progresso na cidade, tais como *As diversões civilizadas em Teresina: 1888-1930*, da historiadora Teresina Queiroz, que embora não abarque o período da obra nos embasam para entendermos como se instalava a modernidade e o progresso na cidade.

Palavras-chave: H. Dobal. *Flâneur*. Modernidade. Teresina.

ABSTRACT

The present work aims to analyze the work and Sentimental Picturesque Route of Teresina (1992) regarding the attitude of the author of the work, H. Dobal as a flaneur who observes that the city has been modernized, and mingles in the crowd to reveal their most picturesque. For this we will seek to establish a dialogue with Walter Benjamin when he analyzes the work of Charles Baudelaire, Charles Baudelaire specifically study a lyric at the height of capitalism (1989), in which he treats the figure of the flâneur in Paris in mid-nineteenth century, and to observe the critical fortune of H. Dobal. In the field of history we will seek to establish how was the modernization of the city of Teresina in the early twentieth century and especially in the years before the centenary of the city. For the latter purpose we use as sources which incorporate work done and portray the beginning of modernity and progress in the city, such as *Teresina civilized Diversions: 1888-1930*, by historian Teresina Queiroz, though not covering the period of work in the underlying to understand how to install modernity and progress in the city.

Key Words: H. Dobal. *Flâneur*. Modernity. Teresina.

¹ Graduado em Língua Portuguesa e Literatura Portuguesa e Brasileira pela Universidade Federal do Piauí – UFPI e mestrando em Estudos Literários pelo Mestrado Acadêmico em Letras da Universidade Federal do Piauí – UFPI. jeymesondfz@hotmail.com.

O escritor piauiense Hindemburgo Dobal Teixeira nasceu em 1927 e ficou célebre como poeta com a publicação dos livros *O Tempo conseqüente* (1966); *O dia sem presságio* (1970); *A província deserta* (1974); *A cidade substituída* (1978); *Os signos e as siglas* (1986); *Uma antologia provisória* (1988); *Ephêmera* (1995), todos de poesia. Como prosador H. Dobal não teve o mesmo reconhecimento e suas obras escritas em prosa não ganharam o mesmo destaque, embora tivessem qualidade indiscutível.

H. Dobal amadureceu sua escrita na efervescência do modernismo brasileiro e piauiense, e junto com os escritores O. G. Rego de Carvalho e M. Paulo Nunes criaram em 1949 o *Caderno de Letras Meridiano*, revista que buscava uma renovação literária no estado e que viria a sair em apenas três volumes. Quando da escrita de *Roteiro Sentimental e Pitoresco de Teresina* (1952), H. Dobal ainda estava amadurecendo sua escrita e, provavelmente, por este motivo, preferiu não publicar o livro.

O escritor piauiense H. Dobal ficou célebre pelo conjunto da sua obra poética e é reconhecido pela crítica nacional como um grande poeta. Daí surge a primeira dificuldade do trabalho a que nos propomos, pois sua obra em prosa não foi estudada e lida em larga escala da mesma forma que sua obra poética, fato que gera dificuldades no recolhimento do arcabouço crítico-literário que dispusemos para realização de tal estudo. *Roteiro Sentimental e Pitoresco de Teresina* apresenta outra peculiaridade que advém do fato de ter sido escrita à época do centenário da cidade, em 1952, porém somente publicada em 1992, ou seja, quarenta anos após sua tecitura. Desta forma o livro parece à primeira vista um relato de memórias e lembranças, quando na verdade foi escrito na contemporaneidade do centenário da capital piauiense.

O presente artigo tem por objetivo identificar de que forma emerge a figura do *flâneur* que observa a cidade que se moderniza, e se mistura na multidão para revelar seus aspectos mais pitorescos, na obra *Roteiro Sentimental e Pitoresco de Teresina*, escrita em 1952, porém, publicada apenas em 1992. Para tal intento vamos dialogar com Walter Benjamin que foi o crítico que revelou Charles Baudelaire para o século XX, principalmente, com sua obra *Charles Baudelaire: Um lírico no auge do capitalismo*. No referido estudo, Walter Benjamin discute temas que

nos serão caros para entendermos a composição do livro que pretendemos analisar, que são a *flânerie* e a modernidade.

Ao publicar *As Flores do Mal*, em 1857, Charles Baudelaire instala definitivamente a modernidade na arte. Baudelaire identifica a modernidade e ajuda a construí-la, observando como aquele processo histórico estava se instaurando com o advento do capitalismo, e de que forma esta modernidade influenciava no cotidiano das pessoas. Estas preocupações foram os temas tratados de forma lírica pelo poeta na época do auge do capitalismo e das mudanças tecnológicas por ele proporcionadas. Charles Baudelaire foi pioneiro. O escritor vislumbrou a modernidade e a captou para dentro da sua poesia. É exatamente a modernidade e o capitalismo, a primeira sendo fruto da segunda, que embasarão a sua poesia e influenciarão o comportamento do poeta enquanto um *flâneur*.

Surgido em meados do século XIX, a figura do *flâneur* observa a cidade como um cientista observa seu experimento relatando suas peculiaridades e suas idiossincrasias. Charles Baudelaire foi o mais célebre dos *flâneurs*. No Brasil, ao final do século XIX, surgiu a figura do escritor e jornalista João do Rio, que realizou a *flânerie* no Rio de Janeiro, observando a cidade que se modificava radicalmente nesta época como centro urbano, assim como ocorreu com Paris à época de Haussmann² e Baudelaire. Segundo Sérgio Roberto Massagli o *flâneur* pode ser definido da seguinte maneira

O *flanêur*, portanto, é o leitor da cidade, bem como de seus habitantes, através de cujas faces tenta decifrar os sentidos da vida urbana. De fato, através de suas andanças, ele transforma a cidade em um espaço para ser lido, um objeto de investigação, uma floresta de signos a serem decodificados – em suma, um texto. (MASSAGLI, 2008, p. 57).

Buscaremos identificar no livro de H. Dobal o comportamento do *flâneur*. De que forma o escritor piauiense textualiza a cidade, seus ambientes e seus habitantes no contexto da modernização da cidade de Teresina.

A obra em discussão é composta por doze capítulos somando-se a eles a introdução e a conclusão. Os capítulos versam sobre as mais variadas temáticas que compõem a cidade de Teresina, tais como: as ruas e os bairros; as praças; as igrejas; os prédios e os monumentos; os bares, os restaurantes, os cinemas, os

² Administrador que revitalizou Paris.

clubes; os cabarés etc. H. Dobal com esta obra procura nos apresentar um panorama da cidade de Teresina no ano em que ela completaria cem anos. Para tanto ele passeia por todos os espaços. Da igreja ao cabaré; da escola ao bar; dos rios às ruas; dos hospitais às praças realizando a *flânerie* pela cidade.

H. Dobal, à maneira de um *flâneur*, vai desvendando a cidade e seus tipos populares com a sagacidade de um detetive. Com certo ar nostálgico, ele descortina uma cidade que já convive com aspectos da modernidade, experimentada ainda no início do século XX, com novas formas de diversão e conseqüentemente de sociabilidades, tais como o cinema, o fonógrafo, o rádio, os automóveis, dentre outros, e que se intensificam nas primeiras décadas do século alcançando a década em que a obra foi escrita, 1950. Sobre as primeiras novidades modernas que chegaram a Teresina e a reação da população, Teresinha Queiroz afirma:

Na passagem do século, mais precisamente nos anos finais do século XIX e nos primeiros anos do século XX, foi que as novidades modernas e a estupefação face a elas se fizeram mais presentes em Teresina. O “progresso”, materializado em inúmeras inovações utilitárias – que, embora não fossem apropriadas pela grande maioria da população, não deixavam de indicar os novos rumos e promessas da Civilização e de gerar novas formas de pensar e de sentir – não foi absorvido de forma passiva e pacífica. Cada novidade trazia em si um susto, um movimento de admiração e também um frêmito de medo. (QUEIROZ, 1994, p. 33).

As inovações tecnológicas modernas adentraram no cotidiano dos teresinenses, porém com menor amplitude de como aconteceu nos grandes centros europeus e até mesmo brasileiros. A título de comparação a Paris de Baudelaire possuía em meados do século XIX, mais de dois milhões de habitantes e o Rio de Janeiro, do cronista João do Rio no final do mesmo século alcançava algo em torno de 500 mil habitantes, enquanto que no ano de 1950, segundo senso geral realizado, o número total de habitantes teresinenses era de 90.723. Percebe-se que a comparação quantitativa é uma impossibilidade, desta forma buscaremos a aproximação no que diz respeito à atitude do escritor enquanto *flâneur* nas ruas da cidade, e a modernidade que ele vislumbra ao vagar por estas ruas, temas que buscam ultrapassar o aspecto quantitativo da densidade demográfica.

As aproximações que porventura realizaremos neste artigo da Paris, de Baudelaire; do Rio de Janeiro, de João do Rio e de Teresina de H. Dobal se darão pelo avanço da modernidade e pela *flânerie* praticada pelos escritores. Lembremos,

porém que o objetivo deste artigo não é comparar os escritores citados e nem as cidades em que incursavam na *flânerie*, e sim, entender de que forma a *flânerie* e o *flâneur* emergem do *Roteiro Sentimental e Pitoresco de Teresina* e o posicionamento de H. Dobal sobre o papel da modernidade e do progresso.

H. Dobal escreve a obra com um tom de nostalgia, leveza e ironia. Percebe-se no escritor uma vontade de preservar o bucolismo da cidade quando critica o progresso e a modernidade. Logo na introdução do livro temos a seguinte passagem que ilustra nossa afirmação:

Esta cidade ardente, poucos homens a trazem na lembrança ou no coração. É uma cidade simples, tranquila. Aqui não há becos nem ladeiras, mistérios nem tradições. Cem anos não deixam acumular muita coisa na vida de uma cidade que já nasceu velha e que sempre teve o ar de uma aldeia grande, como notou um viajante ilustre e mal-humorado. Um ar que se transforma aos poucos com o correr do tempo e esta transformação indecisa mais o progresso ajudam a descaracterizar a cidade. (DOBAL, 2007, p. 11).

No trecho do *Roteiro Sentimental e Pitoresco de Teresina* exposto acima, o tom de nostalgia é bastante evidente. O escritor parece querer que a cidade permaneça como uma grande aldeia, pois o progresso que lhe transforma não deixa muito claro quais os seus benefícios, já que estão proporcionando a sua descaracterização identitária. Teresina ainda propicia ao escritor a *flânerie* que as grandes metrópoles não mais possibilitam, ou como sugere Walter Benjamin, ainda permite ao *flâneur* “um passeio com uma tartaruga”, pois este deveria ser o ritmo do *flâneur* diante das possibilidades de experiências e de observações que a cidade proporciona.

O que H. Dobal nos deixa antever é que a cidade de Teresina não se inseriu na modernidade como outros centros urbanos. E que este atraso não é necessariamente maléfico. Teresina parece apresentar uma vocação não-modernizante como podemos compreender ao ler os seguintes trechos da obra em análise:

As ruas nasceram retas mas não muito largas. Retas porque a isto se prestava muito bem a situação do lugar. Largas, por quê? Quem poderia prever naquele tempo que um dia haveria necessidade de espaço para automóveis e muita gente? (DOBAL, 2007, p. 13).

No entanto, os elementos da modernidade chegaram e estão transformando a vida da população: “As vozes se misturam ao rumor dos carros, criando os ruídos

característicos da cidade. Buzinas, caminhões, jipes. Ônibus repetindo o seu pobre itinerário [...]” (DOBAL, 2007, p.14). Diante desta nova realidade o que H. Dobal vê é a mistura do antigo com o moderno dentro da cidade:

A cidade tem o seu progresso, as ruas a sua agitação mais ainda permitem o trânsito sem sustos. À noite ficam mais calmas, de uma tranqüilidade interrompida apenas pelos grupos que conversam, sentados em cadeiras, nas calçadas” (DOBAL, 2007, p. 14).

A própria arquitetura da cidade está se modificando como percebemos na seguinte passagem do *Roteiro sentimental e pitoresco de Teresina*:

Muitas casas existem e se constroem nesta cidade, de todos os tipos e em todos os estilos de acordo com os catálogos [...].Casas que, geralmente, fazem o horror e a tristeza de jovens arquitetos modernos [...]. Em compensação começam a aparecer algumas que fazem o desgosto dos adversários de arquitetura moderna. (DOBAL, 2007, p. 24).

A miscelânea de construções modernas ao lado de construções clássicas tinha sido alvo de comentário dentro da obra se Walter Benjamin, como uma crítica a modernidade que parece nos transportar para dentro de um mundo surreal:

Quem entra numa cidade, sente-se como numa tecitura de sonhos, onde o evento de hoje se junta ao mais remoto. Um prédio se associa a outro, independentes da camada de tempo às quais pertencem; assim surge a rua. E adiante, no que essa rua, seja ela do período de Goethe, desemboca noutra, seja esta do período do imperador Guilherme, surge o bairro... (BENJAMIN, 1989, p. 209).

Esse é um preço cobrado pela modernidade. A convivência do novo com o antigo até a extinção deste último, fato temido por H. Dobal. O escritor piauiense não demonstra grande simpatia diante da modernidade. Para compreendermos melhor o posicionamento de Dobal frente às ideologias e promessas modernizantes citaremos João Kennedy Eugênio, no livro *Os sinais dos tempos: Intertextualidade e crítica da civilização na poesia de H. Dobal*, quando afirma:

A atitude crítica do poeta Dobal com relação à colonização do futuro destoa das crenças da intelectualidade progressista, vigente nos séculos XIX e XX. Positivistas, evolucionistas, socialistas e liberais têm um ponto em comum: são missionários do progresso, ou seja, da industrialização e do melhoramento do mundo. H. Dobal não lhes dá crédito. A poesia de Dobal não é progressista nem humanista. [...] Sua poesia é avessa à utopia, essa fantasia impenitente e alheia à experiência concreta. Talvez por isso Dobal não celebre nunca, sob nenhum aspecto, a civilização urbano-industrial, capitalista ou socialista, de sorte que não tem um único poema enredado nas ideologias do progresso. (EUGÊNIO, 2007, p. 57-58).

A crítica implementada por João Kennedy Eugênio direciona-se a obra poética de H. Dobal e acaba por desaguar na sua atitude enquanto sujeito da sociedade urbano-industrial, quando revela o posicionamento do escritor frente ao progresso. Esse posicionamento se reflete também na sua escrita em prosa e consequentemente no *Roteiro Sentimental e Pitoresco de Teresina*. H. Dobal revela receio ao perceber que Teresina poderá perder toda sua calma e relativa tranquilidade, como de fato ocorre.

Merece referência também as palavras de Vanessa Soares Negreiros Farias, que retiramos do artigo intitulado *A relação entre lugar e memória em H. Dobal*, que trata deste aspecto da obra de H. Dobal:

A poesia do autor é marcada pela necessidade de recuperar o senso de coletividade que o capitalismo fragilizou, daí podemos observar o seu conservadorismo, não no sentido reacionário, mas no sentido de vanguarda. Em parte da poesia desse autor observa-se que o mesmo em alguns momentos enxerga frieza, artificialidade, e até mesmo chegando a expressar uma visão pessimista em relação ao progresso e a modernidade, colocando-as como forma de esvaziar a humanidade. (FARIAS, 2008 , p. 03).

Podemos aferir que H. Dobal é um escritor avesso ao progresso e aos aspectos da modernização que descaracterizam a cidade e esvaziam o ser humano. Com a mesma inquietação, H. Dobal publicou dois outros livros de poesia que tratam especialmente do tema “cidade” e das modificações implementadas pela modernidade. São eles: *A cidade substituída* (1978) e *Os Signos e as Siglas* (1986). O primeiro sobre São Luís do Maranhão e o segundo sobre Brasília.

Para escrever *Roteiro Sentimental e Pitoresco de Teresina*, H. Dobal teve que conhecer a cidade durante o dia e durante a noite. Teve que experienciar a cidade das ruas, do mercado, dos bares, dos cafés, das praças, do cinema, do teatro e a Teresina da Zona, a Teresina dos Cabarés. Nada poderia escapar do olhar atento de H. Dobal, pois sua proposta era de apresentar um roteiro da cidade, e todos os meandros deveriam ser abordados. A *flânerie* deveria ser exercida, e H. Dobal não se furta a isso. Sobre a atitude do *flâneur* durante seu processo de observação distraída da cidade Walter Benjamin diz:

Aquela embriaguez anamnésica em que vagueia o flâneur pela cidade não se nutre apenas daquilo que, sensorialmente, lhe atinge o olhar; com freqüência também se apossa do simples saber, ou seja,

de dados mortos, como algo experimentado e vivido. (BENJAMIN, 1989, p. 186).

E quem poderia extrair da cidade e transcrever em roteiro detalhes do cotidiano de Teresina, tais como os que observamos em *Roteiro Sentimental e Pitoresco de Teresina*, se não tivesse ao menos a curiosidade de adentrar nas igrejas cheias de gente das mais diversas classes, ou se não frequentasse os cabarés e os cafés com seus mexericos, ou ainda, se não observasse a praça e o uso que a população fazia dela. H. Dobal flanou por todos estes lugares e ainda perambulou pelas periferias da cidade.

H. Dobal como exímio observador da cidade percebe o claro abismo criado pela modernidade. Modernidade que traz máquinas e com elas faz aumentar os contrastes entre os abastados e os miseráveis. O processo de modernização de Teresina não aconteceu sem violência, pelo contrário. Na ânsia de expulsar os flagelados do centro da cidade e torná-la mais agradável aos olhos, principalmente dos visitantes, autoridades da política local promoveram incêndios nos casebres de palha que se aglomeravam num bairro próximo ao centro, chamado Palha-de-arroz.

No livro *Memorial da cidade verde: Intendentes e prefeitos de Teresina*, publicado em 1978, A. Tito Filho elenca diversos acontecimentos que marcaram a história de Teresina nas décadas anteriores. Alguns acontecimentos particulares que não alcançam a grande maioria da população da cidade e outros de maior amplitude para a compreensão da história de Teresina. Entre os acontecimentos A. Tito Filho elenca a fundação do Clube dos Diários, em 1922; inauguração do Cinema Rex (Praça Pedro II), em 1939; a primeira experiência com ar-condicionado, em 1940 e quatrocentas e cinquenta casas incendiadas em 1941 (FILHO, 1978).

Dentre os acontecimentos ocorridos em Teresina na primeira metade do século XX a maioria buscou a modernização da cidade, e os incêndios não fogem a esta empresa. Em outro trecho do livro A. Tito Filho relata:

1943. A capital piauiense é sacudida por violenta onda de incêndios, no período de 2 de agosto a 7 de setembro. Delegado especial da Polícia carioca para as investigações chegou à capital piauiense (Benedito Lopes). Apontando vários acusados. Indicados como mandantes figuras da política local. Nada, porém, ficou esclarecido. (FILHO, 1978, p. 54).

O relato destes incêndios, que inclusive gerou o livro *Palha de Arroz*, de Fontes Ibiapina, não escapou do olhar do *flâneur*. Dobal não é indiferente aos

acontecimentos e a realidade miserável da maioria dos seus conterrâneos. Ele sabe do aspecto político dos incêndios que inclusive geraram vítimas fatais, conforme observamos no trecho abaixo extraído do livro:

Palha-de-arroz, mal afamado e perigoso, na margem do Parnaíba, de malandros, marinheiros, mulheres-dama, faz vida noturna. Vende peixe frito, cachaça, panelada, frutas, dança e briga. Brigas muitas vezes sangrentas. Em todos estes bairros, em casebres de palha, vive uma humanidade muito pobre e em todos eles existe uma quantidade espantosa de crianças e cachorros. Foram eles que, há alguns anos, levaram a cidade às manchetes dos jornais do País quando suas casas de palha, com cercas de buriti, eram queimadas criminosa e misteriosamente. Os incêndios consumiam muitas casas de cada vez, dez, vinte, e traziam a população presa de indizível inquietude e angústia, aumentadas pelo terror a as violências policiais. Foi uma época triste e o assunto nunca resolvido. Se foi, o resultado não chegou ao público. Poucas pessoas morriam no fogo, mas a pobreza aumentava muita. Hoje os bairros estão diferentes e podem realizar os seus forrós com tranquilidade. (DOBAL, 2007, p. 15).

Devemos lembrar que muitos destes incêndios foram patrocinados por autoridades da governança local e buscavam uma limpeza do centro da cidade, com a saída dos miseráveis que habitavam a região central de Teresina para a periferia, onde não poderiam ser vistos.

Na década de 1950 ainda era possível flunar pelas ruas de Teresina e observar sua paisagem urbana e os tipos populares que se encontram espalhados por ela. A cidade ainda permitia estas incursões distraídas e somente neste ambiente seria possível a *flânerie*, segundo nos alerta Walter Benjamin quando se refere a Londres: “Quando a multidão se congestiona, não é porque o trânsito de veículos a detenha – em parte alguma se menciona o trânsito –, mas sim porque é bloqueada por outras multidões. Numa massa dessa natureza, a *flânerie* não podia florescer” (BENJAMIN, 1989, p. 50). Na mesma época em que em Londres seria impossível flunar, em Paris a situação era propícia ao *flâneur*, pois na Cidade Luz, “Ainda se apreciavam as galerias, onde o flâneur se subtraía à vista dos veículos [...] Havia o transeunte, que se enfia na multidão, mas havia também o flâneur, que precisa de espaço livre e não quer perder sua privacidade” (BENJAMIN, 1989, p. 50).

Na obra em estudo H. Dobal não busca identificar a vida íntima da população, como são os comportamentos dos teresinenses nas suas residências ou o convívio das famílias. Ele não pretende realizar um tratado da vida privada dos

teresinenses. H. Dobal tem o seu foco na exterioridade. O aspecto que nos chama atenção é que assim como nas galerias francesas a exterioridade em Teresina é uma extensão da interioridade das residências. Por aqui todos se conhecem e a calçada a noite é uma extensão da casa. Sobre este aspecto e com o objetivo de estabelecer uma relação entre o *flâneur* do século XIX, e do século XX, citaremos Sérgio Roberto Massagli quando afirma:

Ao errar entre as galerias e bulevares, ao passear pelos mercados, o *flâneur* é o ser que vê o mundo de uma maneira particular, sem a pretensão de explicar, mas com a intenção de mostrar, levando a vida para cada lugar que vê. Sua paixão é a exterioridade, na rua encontra o seu refúgio, desvincula-se da esfera privada, buscando sua identificação com a sociedade na qual convive. Ocorre, porém, que essa identificação resulta em grande parte complicada pela natureza complexa da sociedade moderna. Nas ruas das metrópoles, o *flâneur* constata que o homem moderno é vitimado pelas agressões das mercadorias e anulado pela multidão, estando condenado a vagar pela cidade como um embriagado em estado de abandono. É essa angústia que o *flâneur* representou no século XIX. (MASSAGLI, 2008, p. 56).

A angústia de H. Dobal como flâneur é ver as mudanças que a modernidade causa na cidade e a descaracterização provocada pelos adventos tecnológicos do mundo moderno.

Apesar das observações feitas a respeito da cidade, ele não se detém em nenhuma delas. O escritor não procura apresentar ao leitor todas as possíveis observações a respeito de determinada temática. No livro em análise H. Dobal age como um *flâneur* que parece observar distraidamente a cidade e apresenta suas impressões a respeito de determinados assuntos.

No que diz respeito aos espaços de sociabilidades de Teresina, que permitiram a observação de H. Dobal para a composição do seu roteiro, destacam-se as praças, as igrejas e os cabarés. São nos dois primeiros lugares citados, que ocorrem as maiores concentrações de pessoas da cidade, e sobre o terceiro, Charles Baudelaire afirma que ele é o “fermento que, em sua fantasia, faz crescer a massa das cidades grandes” (BAUDELAIRE apud BENJAMIN, 1989, p. 162).

Em Teresina os bulevares e as galerias foram substituídos pelas praças, bares e cafés. Para Benjamin “a flânerie dificilmente poderia ter-se desenvolvido em toda a sua plenitude sem as galerias” (1989, p. 34), que surgiram na Paris de meados do século XIX. É ainda Benjamin que afirma: “[...] a assimilação do literato à sociedade em que se encontrava se consumou no bulevar. Era no bulevar que ele

tinha à disposição o primeiro incidente, chiste ou boato” (BENJAMIN, 1989, p. 25). Para H. Dobal são os bares, os cafés e a praça o local onde o escritor tem contato com a massa e a partir daí apreende a experiência das ruas como afirma o próprio escritor no capítulo do livro “As praças”:

Grande parte da vida da cidade se passa nas praças, que desempenham aqui um papel mais importante do que talvez em qualquer outro lugar. Por causa do calor ou por uma inclinação natural dos habitantes, as praças estão sempre cheias de gente, tornando-se um centro de reunião obrigatória para quem quer participar da vida da cidade, o lugar onde se faz a crônica viva dos acontecimentos cotidianos, ponto de encontros e discussões, comentários e mexericos. (DOBAL, 2007, p. 16).

As praças têm uma grande função social dentro da cidade conforme nos esclarece Dobal. São nas praças que a vida social da cidade é decidida e onde o *flâneur* encontra as condições ideais para as suas observações.

Um contraste muito claro estabelecido por H. Dobal entre a modernidade frenética e o modo de vida bucólico da cidade de Teresina, pode ser observado na Praça Rio Branco: “É a praça dos automóveis. Aqui estacionam os carros de aluguel que são de todos os tipos, ao gosto do freguês, e se distribuem, naturalmente, em secções diferentes, de acordo com o tipo” (DOBAL, 2007, p. 17). O contraste é estabelecido quando nos deparamos durante a leitura do livro com o seguinte trecho: “Em um dos cantos da praça (Rio Branco) foi erigida, solenemente, a Coluna da Hora, onde um relógio elétrico procura, inutilmente, preencher uma função que a cidade não aceita” (2007, p. 17, grifo nosso). A paradoxo fica por conta do automóvel, um dos ícones da modernidade, e do relógio erguido na praça que nos faz lembrar a preocupação do homem moderno com o tempo, porém que não cumpre a sua função que seria a de ordenar o horário da população como nos galpões das indústrias no auge do capitalismo e posteriormente. Nas palavras de Benjamin “A monotonia no processo de produção nasce com o seu aceleração (através das máquinas). Com sua ostensiva serenidade, o *flâneur* protesta contra o processo de produção” (BENJAMIN, 1989, p. 171). Teresina se encontra no entremeio entre as duas condições, modernidade frenética e modo de vida bucólico.

Outro espaço de sociabilidade onde o *flâneur* observa a multidão é a igreja durante as procissões. Possivelmente durante a peregrinação religiosa o *flâneur* tem a paisagem perfeita para observar os aspectos da cidade e da sua população. H.

Dobal nos esclarece esta peculiaridade no seguinte trecho do *Roteiro Sentimental e Pitoresco de Teresina*:

As procissões, muito concorridas, revelam aspectos da cidade que, habitualmente, não aparecem. Por exemplo: revelam a multidão, gente de todas as classes e de todos os pecados. Tem-se a impressão, às vezes, de que há pessoas, na cidade, que só deixam a sua reclusão para vir às procissões. (DOBAL, 2007, p. 25).

Dentre os espaços da cidade escolhidos por H. Dobal na sua flânerie por Teresina, os cabarés merecem atenção especial. Segundo Benjamin “Só a massa de habitantes permite à prostituição estender-se sobre vastos setores da cidade” (BENJAMIN, 1989, p. 53). Desta forma a grande concentração de cabarés na cidade demonstra uma necessidade de entretenimento da massa. O corpo feminino se transforma em um produto: “Na prostituição das grandes cidades, a mulher se torna artigo de massa” (BENJAMIN, 1989, p. 162). No entanto, os cabarés em Teresina cumprem uma função que ultrapassa o lócus da prostituição. E qual figura seria capaz de conhecer os meandros destes centros de lazer ilícito, as formas de sociabilidade praticadas nestes estabelecimentos, os nomes das proprietárias e as formas de galanteio utilizadas pelos clientes, que não o *flâneur* nas suas andanças erráticas pela cidade. H. Dobal introduz o tema desta maneira no *Roteiro Sentimental e Pitoresco de Teresina*:

O lado cabaré merece uma referência que corresponda à sua importância, que esteja de acordo com o seu papel de destaque, com íntimas ligações e reflexos na vida da cidade. Aqui se pratica intensamente esta espécie de amor e o número de profissionais que existe, não só nos cabarés, mas também fazendo esse jogo do amor é grande. (DOBAL, 2007, p. 45).

De acordo com este trecho os cabarés possuem uma importância incomum nas decisões da vida da cidade. Tais estabelecimentos alcançaram destaque e se estabeleceram em pleno centro da cidade, e pela frequência com que eram visitados por homens solteiros e casados chegou a gerar surtos de Doenças Sexualmente Transmissíveis nas décadas que antecederam o centenário de Teresina. O contágio foi muito favorecido pela grande quantidade de clientes que usufruíam dos préstimos das profissionais de uma das principais zonas de sociabilidade existente na cidade: os cabarés da Paissandu e da Piçarra. Sobre a frequência dos clientes, H. Dobal assevera que, “os cabarés vivem cheios e constituem na vida da cidade talvez o maior centro de atração” (DOBAL, 2007, p. 46).

A prostituição sempre teve grande importância na cidade de Teresina, e os principais cabarés sempre tiveram a frequência de grandes autoridades da cidade. Sobre a condição da prostituição na cidade, Bernardo Pereira de Sá Filho, em artigo intitulado *Retratos de corpos pérfidos* afirma:

Os territórios da prostituição nasceram com a cidade e cresceram junto com ela produzindo uma história baseada em prazeres ilícitos, vícios e outras práticas transgressoras cujos agentes, durante mais de meio século, foram marginalizados como sujeitos históricos, destinando-se a eles apenas o silêncio. (FILHO, 2008, p. 193).

O *flâneur* não deixa de observar a cidade por conveniência social. Ele a vivencia e transmite sua impressão através da sua escrita. Desta forma H. Dobal não exclui os cabarés, ao contrário, ele reconhece neste ambiente um lugar importante e até decisivo para a vida da cidade.

O escritor piauiense a princípio poderá transparecer a imagem de um *flâneur* em um momento histórico em que não existem mais a possibilidade da *flânerie*. Devemos, entretanto, nos atentar para o processo de modernização que cada cidade vivencia. Parece-nos bastante claro que a cidade de Paris em meados do século XIX, apresenta as condições propícias para o surgimento da *flânerie* nas suas galerias e bulevares. Lá o capitalismo estava transformando a realidade da população e os seus hábitos. Da mesma forma que o Rio de Janeiro no final do mesmo século apresentou tais condições para o surgimento do *flâneur*, João do Rio. Em Teresina tivemos décadas de atraso, e a modernidade proporcionada pelo capitalismo industrial iniciava seu processo de descaracterização da cidade em meados do século XX, como confirma o próprio H. Dobal.

Não chega a causar surpresa tal diferença temporal quando observamos as datas em que surgiram as “dádivas” da modernidade em Teresina. O ideal de modernidade apenas adentrou a cidade nos anos finais do século XIX e início do século XX. Podemos elencar como exemplo a vinda do fonógrafo do Ceará em 1894; a primeira peça teatral no Teatro 4 de Setembro em 1894; a primeira exibição cinematográfica no teatro 4 de Setembro em 1901; iluminação da Praça Rio Branco em 1914 “palco de animada frequência à noite. Senhoras, senhoritas, cavalheiros e crianças ali passeiam até as 21 horas, com a saudosa retreta das bandas de música executando peças musicais celebres” (FILHO, 1978, p. 46). No entanto, “A rigor, os modismos e as sociabilidades próprias da vida urbana Teresina só experimentaria por volta do centenário [...]” (SOUZA, 2004, p. 32).

Apesar dos primeiros contatos com a modernidade, tanto no aspecto material quanto no aspecto ideológico, terem sido observados nos anos finais do século XIX, esta inserção ainda perdurará nas primeiras décadas do século XX, e mudará aos poucos os hábitos da população teresinense. E exatamente no momento da mudança surge a figura do *flâneur* para registrá-la.

A última parte da obra que o próprio escritor afirma ser a conclusão possui o mesmo nome do título do livro. Nela H. Dobal adverte a quem quer conhecer uma cidade verdadeiramente:

E como é preciso chegar a uma conclusão há o recurso de citar Camus, por intermédio de Sartre: “Um processo cômodo de se conhecer uma cidade é procurar como se trabalha nela, como se ama, como se morre”. Talvez seja esta a verdade: só diretamente é que se pode apreender a vida íntima e real de uma cidade. Compreender as suas cousas. (DOBAL, 2007, p. 51).

Desta maneira, H. Dobal nos apresenta sua definição do que venha a ser o *flâneur*. Aquele que fruto da cidade, tenta entendê-la, tenta traçar seu roteiro, a fim de não se perder nos labirintos de ruas e quarteirões, ou no meio de uma procissão.

Durante o passeio de H. Dobal pela cidade de Teresina ele nos legou um roteiro que já não é possível de ser realizado, pois se naquela época a modernidade já descaracterizava a cidade, o que nos restou da Teresina do centenário além das mesmas doenças e da pobreza, foi a tirania das elites e o desejo de se tornar grande.

A multidão cresceu inevitavelmente chegando a interromper o fluxo que seria natural das pessoas nas ruas da cidade. O barulho dos automóveis e a violência impedem as pessoas de ficarem nas calçadas conversando e a *flânerie* a noite tornou-se uma missão perigosa. As praças e o mercado foram substituídos pelo shopping onde as vitrines anunciam a mais nova inutilidade. Ao menos ficamos com um roteiro embebido de sentimento de uma época em que era possível flânar distraidamente pela cidade.

REFERÊNCIAS

BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas III**: Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo. São Paulo: Brasiliense, 1989.

DOBAL, Hidenburgo. **Roteiro Sentimental e Pitoresco de Teresina**: Obra completa II: Prosa. 2 ed. Teresina: Plug, 2007.

EUGÊNIO, João Kennedy. **Os sinais dos tempos: Intertextualidade e crítica da civilização na poesia de H. Dobal**. Teresina, Halley S.A Gráfica e Editora: 2007.

FARIAS, Vanessa Soares Negreiros. “A relação entre lugar e memória em H. Dobal”. <Disponível em: www.anpuhpi.org.br/congresso/anais/arquivos/vanessa.pdf> Acesso em: 23 jan. 2012.

FILHO, A. Tito. **Memorial da cidade verde**: Intendentes e prefeitos de Teresina. Teresina, COMEPI: 1978.

FILHO, Bernardo Pereira de Sá. Retratos de corpos pérfidos. In: CASTELO BRANCO, Julinete Vieira; SOLON, Daniel Vasconcelos (Org.). **História em poliedros**: cidade, cultura e memória. Teresina: EDUFPI, 2008.

MASSAGLI, Sérgio Roberto. “Homem da multidão e o flâneur no conto ‘O homem da multidão’ de Edgar Allan Poe”. Terra roxa e outras terras, v. 12, p. 55-65, jun. 2008. Disponível em: <www.uel.br/pos/letras/terraroxa/g_pdf/vol12/TRvol12f.pdf> Acesso em: 22 jan. 2012.

QUEIROZ, Teresinha. **Os literatos e a República**: Clodoaldo Freitas, Higinio cunha e as tiranias do tempo. Teresina: Editora da Universidade Federal do Piauí; João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba, 1998.

SOUZA, Paulo Gutemberg de. **Teresina**. Teresina: Pulsar, 2004.